

297-4468

214

4

# Mitos e lendas na sala de aula

Comunidades indígenas apostam na educação diferenciada para despertar a curiosidade das crianças pela cultura de seus povos

SILVANA HOLZMEISTER

**S**enhores de uma imensa faixa de terra e donos de uma cultura própria, os índios viram seus costumes e sua cultura desaparecerem ao longo dos anos, a medida que o homem branco exibiu o poder de dominação. Às vésperas das comemorações dos 500 anos de descobrimento do Brasil, índios de vários estados começam a se organizar na tentativa de resgatar parte das tradições esquecidas no tempo. No Espírito Santo, a busca pela identidade vem acontecendo nas escolas construídas nas aldeias tupiniquins e guaranis do município de Aracruz. Nelas, eles buscam inspiração nas próprias raízes para dar aulas aos pequenos índios.

Na aldeia guarani Três Palmeiras (Tekoa Boapã Pindô) — uma dissidência da aldeia Boa Esperança (Tekoa Porã) —, uma palhoça abriga a sala de aula onde 19 alunos com idades variando dos 7 aos 14 anos aprendem a expressar no papel, sons que até pouco tempo atrás só eram falados. Além de explorar o universo da língua nativa (guarani), eles aprendem português, geografia e matemática, o que ajuda na venda de artesanatos, segundo o educador Mauro Luiz Carvalho (Karal), o índio indicado pela comunidade para ensinar.

O ambiente em nada se assemelha a uma escola tradicional, concebida pelo homem branco. Nela, os pais dos alunos têm total liberdade para interferir no conteúdo que está sendo oferecido aos filhos e fazem, com a consciência de que depende das ações de hoje o futuro da identidade cultural do seu povo. De acordo com Carvalho, os mitos, as lendas, as brincadeiras, os antigos remédios e as histórias da floresta são parte importante do conteúdo ministrado aos alunos. "Converso sempre com os mais velhos, comparo informações e assim consigo saber como era no passado", comenta.

Para Leonardo da Silva Gonçalves (Wera Tupã), um dos líderes da aldeia, ter um professor índio é uma forma de preparar as crianças a partir da visão dos membros mais velhos da comunidade. "Somos considerados atrasados, mas por puro desconhecimento da nossa cultura", critica, reforçando que, desta maneira, as crianças estão sendo alertadas neste sentido. "Se algum dia elas precisarem sair da aldeia, poderão fazer alguma coisa em favor dela", explica.

Sem alimentar ilusões sobre o empobrecimento da cultura indígena a partir da interferência do desenvolvimento econômico das regiões onde vivem e do contato com o branco, Gonçalves reconhece que algumas manifestações estão perdidas para sempre. "Não realizamos mais alguns rituais porque a natureza deixou de oferecer algumas frutas sagradas", lamenta. O índio só pôde entender melhor o que ocorria com seu povo depois de estudar — chegou a iniciar o curso de técnico agrícola em Rio Bananal — e conversar muito com os mais idosos.

Se depender das crianças, o objetivo dos responsáveis pelo destino da aldeia guarani tem tudo para ser um sucesso. Elas se empenham nas tarefas escolares e se entusiasmanam com as mesmas diversões experimentadas pelos seus antepassados, como brincar de roda e as danças.

Segundo a técnica da Secretaria Municipal de Aracruz, Zélia Forrechi Geovani, implementar o programa entre os guaranis não foi difícil porque é um povo que sempre se preocupou em preservar suas raízes. Um exemplo são os rituais noturnos, realizados diariamente.

A interferência maior ficou por conta do lingüista da Universidade Federal de São Paulo (USP), Waldemar Ferreira Netto, contratado pelo consórcio de órgãos, entidades e empresa que estão gerenciando o projeto de escolas diferenciadas para as aldeias indígenas. Foi dele a responsabilidade de ajudar os guaranis a transformar em escrita as palavras que antes só conheciam na forma oral.

A mesma facilidade entretanto, não existe entre os tupiniquins, o primeiro povo encontrado pelos portugueses que chegaram ao Brasil quase 500 anos atrás. Divididos em quatro aldeias, muito de sua cultura foi esquecida e a língua falada é o português — do dialeto tupiniquim, só restam algumas palavras. Por causa da miscigenação com o branco e o negro, poucos guardam os traços étnicos tradicionais. Apesar do quadro nada otimista, partiu deles a iniciativa de reivindicar uma educação diferente para seus filhos, com o objetivo de transformar o futuro. E não é difícil entender o temor dos idosos. Sem uma identidade própria e vistos com maus olhos pelos brancos, acabaram sendo discriminados duplamente.

Na aldeia tupiniquim Paul Brasil, as aulas para as crianças (de primeira a quarta séries) são dadas por três educadoras indicadas pela comunidade, numa escola de alvenaria. Lá, adultos e adolescentes também recebem instrução no horário noturno. De acordo com a educadora Andrea Cristina Almeida, o que resta da tradição de seu povo está na memória dos idosos. O que sobrou é tratado como preciosidade pelos educadores e transmitido aos mais novos. "Poucos pais sentam com as crianças para conversar", comenta, explicando a importância da educação na preservação das tradições.

Recentemente, o que sobrou do modo de vida dos antepassados tupiniquins, seus costumes e lendas, foi transformado em livro: **Educadores Tupinikim — Resgatando a Memória e a Tradição Tupinikim**, numa iniciativa dos educadores que estão sendo formados pela Secretaria Estadual de Educação (Sedu) e Secretaria Municipal de Educação de Aracruz. Atualmente estão sendo produzidos dois outros livretos sobre demarcação de terras e mitos. Mesmo sendo lento, o processo de resgate da cultura tupiniquim começa a mostrar resultados, na opinião assessora de Educação Indígena da Sedu e membro da pastoral indígenista, Maria de Lourdes Bezerra. "Antes era um povo com medo de mostrar sua individualidade, com o desejo de resgate, vem a auto-confiança", observa.

Como não há chances de trazer de volta a língua nativa dos tupiniquins do Estado, para o futuro há o desejo de levar até eles algum dialeto do tronco tupi. "É o que chamamos de língua de empréstimo", revela Maria de Lourdes. Por enquanto, os descendentes dos primeiros habitantes do Brasil se esforçam em manter viva as referências culturais.

## Iniciativa partiu dos tupiniquins

Os tupiniquins do município de Aracruz foram os primeiros a reivindicar uma educação diferenciada, há três anos, motivados pela consciência de perda da tradição indígena — incluindo a língua materna. A idéia, encampada pela Pastoral Indigenista, logo foi aceita também pelo Instituto para o Desenvolvimento e Educação de Adultos (Idea), Secretaria Estadual de Educação (Sedu), Secretaria Municipal de Educação de Aracruz, Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Fundação Nacional do Índio (Funai), Conselho Indigenista Missionário (Cimi) e Aracruz Celulose.

Da discussão entre órgãos públicos, entidades, empresa e índios surgiu o curso de formação de educadores voltados para as necessidades das aldeias. De acordo com a assessora de educação indígena da Sedu e membro da pastoral indígenista, Maria de Lourdes Bezerra, o projeto foi expandido aos guaranis das aldeias Boa Esperança (Tekoa Porã) e Três Palmeiras (Tekoa Boapã Pindô). O objetivo, ressaltado, é a medida que forem surgindo vagas nas escolas indígenas, supri-las com educadores indicados pela comunidade.

Atualmente, 40 pessoas estão participando do curso que começou em dezembro de 1996 e deverá estar concluído em outubro do próximo ano, sendo que 13 já estão atuando. O curso está respaldado pelas diretorias estabelecidas pelo Ministério da Educação há cinco anos e que estabeleceu a atual política de educação indígena no país.

Com uma estrutura diferenciada, o curso equivale à formação de magistério para professores de 1ª a 4ª séries e é dividido em módulos, com duração média de duas semanas. O conteúdo inclui disciplinas conhecidas dos brancos como língua portuguesa, matemática, fundamentos da educação e ciências na-

(CONTINUA NO VERSO)

turais. Mas também inclui elementos específicos: língua indígena, ciências naturais, arte indígena, educação do corpo. Com isto espera-se valorizar a riqueza cultural do povo mais antigo do país, sem isolá-lo do convívio com o branco. Na próxima etapa de formação dos educadores, marcada para começar ainda neste mês, a meta será a formulação de uma grade curricular que atenda às necessidades de alunos mais que especiais.

Na opinião da técnica da Secretaria Municipal de Educação de Aracruz, Zélia Forrechi Geovani, como a comunidade indígena é bastante presente na escola, acabam influenciando no que é ensinado na sala de aula, então, o conteúdo das disciplinas vai obedecer, e muito, as reivindicações dos caciques e lideranças indígenas. "Por enquanto, a construção do conteúdo se faz no ato da aula", explica, ressaltando que a equipe de especialistas deu liberdade de ação aos educadores, justamente para que se possa construir uma escola diferente.

#### GUARANI X TUPINIQUEM

No Espírito Santo, o guarani é o povo indígena que mais preserva suas raízes. O formato das aldeias segue, inclusive, o padrão tradicional, mantendo os ritos de pajelança e a língua nativa. Segundo dados das entidades que auxiliam estas comunidades, eles chegaram ao Estado após 40 anos de peregrinação em busca da terra prometida. Aqui, o poder político está centralizado em algumas pessoas que dominam o português, já o poder interno é socialista e não necessariamente a palavra mais forte é de um homem.

Os tupiniquins tiveram uma perda significativa de sua cultura, mas prevalece o simbolismo da visão de mundo indígena no trato com a natureza, na relação pessoal e nas questões políticas. Entre eles não existe mais a pajelança e a língua nativa foi substituída pelo português. Na relação com a sociedade branca é sempre o homem quem toma a frente, enquanto na aldeia, a opinião da mulher também tem peso político.

As línguas tupiniquim e guarani pertencem ao mesmo tronco linguístico tupi, apesar de serem diferentes.